

LÁ E AQUI: ESTRATÉGIAS NARRATIVAS NO LIVRO ILUSTRADO

Márcia Tavares
Universidade Federal de Campina Grande
tavares.ufcg@gmail.com

Renata Junqueira de Souza
Universidade Estadual Paulista
recellij@gmail.com

Resumo: Os livros de literatura infantil, comumente, recebem dedicação especial em sua formatação para que possam vir a estimular o interesse da criança pela leitura. Um dos focos desse cuidado diz respeito aos seus aspectos gráficos: capa, tipo e tamanho das fontes, cores das páginas e das letras, relevos, dimensões físicas e ilustração. Dessa forma, ao mesmo tempo em que lemos os textos também lemos as ilustrações e entendemos que estas podem modificar, ampliar, subverter ou explicar interferindo na apreensão do texto escrito. A obra infantil contemporânea, em um movimento crescente desde a década de 1970, acumulou várias modificações técnicas, discursos variados e recursos de cortes e formas que resultaram na valorização desse objeto desenvolvido para um leitor na infância. Antes desse momento, era comum o uso das ilustrações com objetivos explicativos de apresentação das narrativas. Ao assumir um espaço de destaque a imagem passa a compor o papel de protagonista dividindo com o texto a composição. Para este artigo desenvolveremos considerações sobre *Lá e Aqui* (2015) de Carolyn Moreyra, ilustrado por Odilon Moraes. O enredo é sobre o processo de separação de um casal sob o ponto de vista sensível do filho. Entre imagens de páginas duplas, sem margens e sem fundo, a história se estabelece através de jogos metonímicos de apresentação dos elementos gráficos que compõem o ritmo narrativo. Podemos dizer que o espaço gráfico e narrativo são usados de forma estratégica e o jogo de significados entre casa, moradores, lá e aqui, segmenta a narrativa entre os momentos do antes e do depois. Faremos uma proposta de leitura permeada pelo uso das estratégias de construção de sentido centradas nas inferências, verificaremos quais elementos plásticos estão dispostos no projeto gráfico e na composição do diálogo entre texto e imagem. Para tanto, utilizaremos as discussões de Ramos (2013) sobre imagem e livro infantil, Oliveira (2008) sobre as técnicas para ilustrar obras para crianças, Giroto e Souza (2010) sobre estratégias de leitura e Nikolajeva e Scott (2011) acerca do livro ilustrado e suas peculiaridades.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Livro Ilustrado. Narrativa visual. Estratégias de leitura.

1. A ilustração do livro infantil: considerações iniciais

A perspectiva sobre o papel da ilustração no livro dividiu várias críticas da produção de Literatura Infantil Brasileira. Para Nelly Novaes Coelho (1993) os chamados livros de imagem, ou de estampa, “embora não sejam ‘literatura infantil’, no sentido tradicional do termo, pertencem tanto ao domínio da arte ‘literária’ como ao da arte ‘pedagógica’”. A autora reforça que no caso da ilustração essa funcionalidade, muitas vezes, suplanta o texto nas fases iniciais da formação do leitor infantil. No entanto, quando há a articulação entre as duas linguagens isso não ocorre, antes, a imagem destaca as passagens mais significativas da narrativa e sugere elementos para ampliação da leitura. Lajolo e Zilberman (1991) investigam a produção da ilustração em um percurso crescente e afirmam que nos livros infantis brasileiros contemporâneos o visual está no centro, “e não mais como ilustração e/ou reforço de significados confiados à linguagem verbal”. Retomando os aspectos de leitura, levantados por Novaes, Marly Amarilha (1997) comenta “a ilustração contribui para o desenvolvimento de alguns aspectos do leitor, como por exemplo, a imobilidade da ilustração que favorece a capacidade de observação e análise”, e promove “uma rica experiência de cor, forma, perspectiva e significados. Esta autora chama atenção para o cuidado que se deve ter para o procedimento que fica apenas na leitura, no caso do leitor inicial, de imagens e “não avança do pictórico para o verbal”.

Por outro lado, é imprescindível que se habilite o leitor para a integração entre as linguagens, não impondo uma redução do papel da ilustração na leitura. É necessário destacar que essa discussão muitas vezes não faz parte da rotina do leitor infantil na sala de aula, onde o texto escrito recebe a atenção e é o alvo prioritário de entendimento. Dessa forma, é comum uma perspectiva que classifica a ilustração como um adorno, que acompanha o texto, ou que se faz necessária para explicar algo, ou melhor, repetir algo que já foi dito no texto escrito. A leitura do texto escrito é primordial para a construção dos sentidos, mas a leitura da imagem pode ser ignorada nessa construção. Camargo, escritor e ilustrador, em seu livro *Ilustração do livro infantil* (1995) confere, apoiado nas funções da linguagem de Roman Jakobson, oito funções à ilustração: representativa, descritiva, narrativa, simbólica, expressiva, estética, lúdica, conativa, metalingüística, fática e de pontuação. Muito mais do que apenas ornar ou elucidar o texto, a ilustração pode, assim, representar, descrever, narrar, simbolizar, expressar, brincar, persuadir, normatizar, pontuar, além de enfatizar sua própria configuração, chamar atenção para o seu suporte ou para a linguagem visual. É importante ressaltar que raramente a imagem desempenha uma única

função, mas, da mesma forma como ocorre com a linguagem verbal, as funções organizam-se hierarquicamente em relação a uma função dominante. A perspectiva adotada pelo ilustrador é de coerência também no entendimento da relação entre imagem e texto. Não há, segundo o autor, ganho estético quando um dos textos suplanta o outro. A idéia de coerência intersemiótica perpassa a noção de interligação entre as linguagens e assim de construção do diálogo.

Essa perspectiva de diálogo é seguida por Maria Alice Faria, (2004) para a autora “em princípio, a relação entre a imagem e o texto, no livro infantil, pode ser de repetição e/ou de complementaridade, segundo os objetivos do livro e a própria concepção do artista sobre a ilustração do livro infantil”, e considera, citando Durand e Bertrand, (1975) que as funções da imagem no livro ilustrado seriam a de criar/sugerir/complementar o espaço plástico, quanto à descrição e marcar os momentos-chave da ação na narrativa pela duplicação visual.

Deparamo-nos, desse modo, com um confronto entre essas funções para a imagem do texto infantil: uma pedagógica, que define para a ilustração a explicação do texto escrito, e outra lúdica/estética que amplia o significado do texto e atravessa os sentidos possíveis esboçados nas cores e traços. Podemos entender que tanto Luís Camargo quanto Maria Alice Faria definem suas perspectivas a partir do entendimento da ilustração como uma forma de aproximação com a arte visual e como uma linguagem que possui um significado – possível de ser lido e analisado, sem diminuir ou ancorar suas afirmações em hierarquias entre as linguagens verbal e visual dos elementos do livro infantil. Os autores propõem a leitura a partir das funções e dos diálogos entre linguagens diferentes presentes no livro infantil ilustrado, mas sem restringir a possibilidade de construção de significados.

Essas funções compreendem uma percepção de que a ilustração de um texto condensa muitas possibilidades de diálogo entre o que está escrito e a imagem visual, carregando as leituras do texto de significados, narrando ações, usando de metalinguagens visuais ou simplesmente anunciando seu início ou fim. A leitura dos elementos visuais compreende uma das possíveis abordagens do texto literário produzido para crianças. Além disso, segundo Mokarzel (apud Ramos e Panuzzo, 1998) a ilustração “é um objeto de reprodução e está inserida em uma indústria cultural. Inter-relaciona-se com outras linguagens, (...). Dialoga com o verbal, mas pode utilizar recursos advindos do cinema, da pintura, dos quadrinhos.” Assim, a imagem é priorizada como ilustração, ora como porta de entrada para a leitura, num diálogo profícuo como o texto escrito, ora como uma primeira experiência com a imagem como forma de expressão artística.

Dessa forma, a partir dessas perspectivas, se ampliam os sentidos da ilustração, que deixam a acepção limitadora da função de adornar e esclarecer o texto escrito para integrar as formas de leituras da escrita e da imagem visual. Nesse sentido, percebemos o conceito de ilustração como uma linguagem de construção independente, mas que estabelece uma relação com o texto, por vezes, mais plurissignificativa do que apenas a descrição referencial. Segundo Camargo (1995) se entendermos essa como uma relação de coerência, então, abre-se para o ilustrador um amplo leque de possibilidades de convergência com o texto, que não limita a exploração da linguagem visual, mas, ao contrário, pode incentivá-la.

2. Sobre o livro ilustrado de literatura infantil: definições e técnicas

A partir das perspectivas discutidas anteriormente, assumimos que há um lugar demarcado para a ilustração no livro de literatura infantil, dessa constatação partimos para as observações em torno de outra constituição para esse objeto: o livro ilustrado e suas variações. Consideramos nesse entendimento que a existência da imagem exige a atenção deslocada de forma alternada para a regência das duas linguagens, ora para os elementos da perspectiva, cores, simetria e composição, ora para o texto, a gramática, as estruturas sintáticas e o enredo. O Livro Ilustrado divide a experiência entre esses conjuntos de elementos, no entanto, em suas variações há inúmeras possibilidades de apresentação da ação narrativa e a obrigatoriedade de conjugar o olhar para os elementos dispostos na página com imagem e texto. Os elementos da estrutura cromática, de volume, linhas e perspectiva precisam de uma leitura atenta e estratégica, da mesma forma, as estruturas sintáticas, morfológicas e de criação de efeitos devem ser levantadas. O livro ilustrado infantil contemporâneo apresenta ainda, as possibilidades de diferentes tratamentos e formatos, o que amplia as exigências de construção de sentidos propostas frente ao leitor. Para Linden (2011) a diagramação é elaborada em função da articulação entre texto e imagem, o que define e depende do suporte, do tamanho das imagens, além disso, devem também ser lidos nesse conjunto os formatos, as capas, guardas, folhas de rosto e páginas do miolo. Nesse sentido, há uma materialidade do livro como objeto que precisa ser considerada na produção do sentido.

As definições para o Livro Ilustrado, assim como vimos antes para o lugar da ilustração para o livro infantil, sofreram modificações significativas e amplas ao longo do caminho da Literatura Infantil. Inicialmente, temos em Nelly Novaes Coelho (1981) apresenta a ideia de álbum de figuras (ou livro de estampas) e sua dupla função: recreativa e pedagógica que facilita a elaboração mental que identifica a percepção visual e a palavras correspondentes. Em *Ilustração do livro infantil*

(1995) Luís Camargo define que no Livro ilustrado a imagem dialoga com o texto, ou seja, o princípio fundamental para o autor é o de elementos que se alternam na construção de um todo. Em seguida o autor delimita um pouco da história dessa categoria de livro infantil e apresenta a imagem da página de rosto de *A menina do narizinho arrebitado* – livro de figuras por Monteiro Lobato com desenhos de Voltolino. Camargo destaca as informações sobre o ilustrador, Voltonino, importante caricaturista de São Paulo na época da publicação, o projeto gráfico como um todo, com desenhos exclusivos por página, formato grande (29 cm x 21,7 cm), capa dura, ilustrações em preto, preto e verde, e outras variações. Camargo segue e cita ainda outras obras até chegar a *Flicts* (1069) de Ziraldo enfatizando que essa obra “está entre o livro de imagem, em que as imagens contam a história, e o livro ilustrado, em que o texto conta e as imagens ilustram”. (CAMARGO, 1995, p. 64).

Lúcia Pimentel Goés (1996) discute, por sua vez, que o Livro Ilustrado congrega uma leitura dupla e a consideração específica de uma interdependência entre linguagens, justificando que uma linguagem pode ampliar, contradizer e fazer contraponto lúdico à outra. Ainda no âmbito dessa discussão, Azevedo (1993) afirma que o Livro Ilustrado congrega três sistemas narrativos: o texto, a ilustração e o projeto gráfico que comparecem em graus variados de espaço e volume no livro.

Van der Linden em *Para ler o livro ilustrado* (2011) chama a atenção para a duplicidade terminológica entre Livro ilustrado, que a imagem é especialmente preponderante em relação ao texto, podendo este estar ausente, e especifica que no Brasil esse seria o livro de imagem. Nesse percurso, temos as contribuições de Nikolajeva e Scott (2011) que expõem a diversidade de dinâmicas entre palavras e imagens no livro ilustrado e ampliam a discussão considerando em um espectro os livros que vão da presença do texto narrativo em contraponto ao texto não-narrativo e no eixo entre palavra e imagem. Do exposto fica a dificuldade de se nomear para além dessas definições as realizações do livro ilustrado dada a sua pluralidade de técnicas. Em um quadro síntese formulado a partir dos extremos **Palavra e Imagem**, temos:

Quadro 1 - Categorias do Livro Infantil da Palavra para Imagem

PALAVRA	
texto narrativo	texto não narrativo
texto narrativo com poucas ilustrações	livro de lâminas (abecedário, poesia ilustrada, livro com ilustração não ficcional)
texto narrativo com pelo menos uma imagem por página dupla (não é dependente de imagem)	
livro ilustrado simétrico (duas narrativas mutuamente redundantes)	
livro ilustrado complementar (palavra e imagem preenchem uma a lacuna da outra)	
livro ilustrado complementar (palavra e imagem preenchem uma a lacuna da outra)	
livro ilustrado “expansivo” ou “reforçador”	

(a narrativa visual apoia a verbal, a narrativa verbal depende da visual)	
livro ilustrado de “contraponto” (duas narrativas mutuamente dependentes)	
livro ilustrado “siléptico” (com ou sem palavras) (duas ou mais narrativas independentes entre si)	
narrativa de imagens com palavras (sequencial)	livro demonstrativo com palavras (não narrativo, não sequencial)
narrativa de imagens sem palavras (sequencial)	
livro-imagem ou livro de imagem	livro demonstrativo (não narrativo, não sequencial)
IMAGEM	

Fonte Nikolajeva e Scoot, 2011.

Nikolajeva e Scott (2011) discutem a partir das características específicas da narrativa visual as possibilidades de desenvolvimento de uma tipologia para distinção das relações estabelecidas entre texto e imagem no livro infantil. As autoras partem da consideração que essas seriam duas formas distintas de linguagem, que operam juntas na construção da comunicação e criam sentidos distintos a depender do grau de contraponto que apresentem, e, assim, os sentidos do livro ilustrado seriam perceptíveis segundo os níveis de interação entre texto e imagem.

Para tanto as autoras retomam alguns distinções, entre elas destacamos a categorização de um espectro que apresenta em uma ponta o livro ilustrado como um livro com pelo menos uma imagem em cada página dupla e o livro sem palavras no extremo oposto. Do espectro proposto por Nikolajeva e Scott (2011) resultado o entendimento das relações entre palavra e imagem, teríamos então, uma grande parte dos livros ilustrados na primeira categoria denominada como simétrica, harmônica ou complementar e uma segunda categoria que se estabelece pelo reforço ou pelo contraponto. No primeiro conjunto estão as relações em que palavra e imagem preenchem suas respectivas lacunas, ou seja, complementam-se, sem nada para a imaginação do leitor, que resulta em um pólo passivo nesse caso; a mesma relação se repete quando palavra e imagem referem-se à mesma lacuna de forma simétrica. Apenas no caso em que palavras e imagens incidem sobre informações de maneira a preencher lacunas alternativamente ou quando se contradizem podemos encontrar diversidade de leitura e interpretações. Nessa categorização, interessa-nos as diversas interações possíveis entre palavra e imagem e perceber que essas relações não ocorrem de maneira hierárquica, o livro que apresenta determinado contraponto não é mais bem realizado que outro que apresenta outra possibilidade são variedades do espectro que partem da variedade de contraponto. Dessa forma, considerando, que encontramos “os casos mais estimulantes de contraponto entre texto e imagem” em livros de um mesmo autor-ilustrador propomos a análise de *Lá e Aqui* (2015) de Carolina Moreyra e Odilon Moraes.

3. Sobre estratégias de leitura para o texto e a imagem

As definições sobre estratégias de leitura para o texto possuem arcabouço teórico nas observações de Girotto e Souza (2010) que determinam a literatura infantil como uma fonte de manifestação cultural, sobre a qual o leitor cria, recria e se apropria como elementos de imaginação e com recursos do conhecimento prévio adquirido. Segundo as autoras a possibilidade de construção entre textos em uma obra já se estabelece nos elementos paratextuais que são responsáveis por informações necessárias anteriormente para a leitura. No processamento da leitura as autoras consideram os movimentos de metacognição como o conhecimento sobre o processo de pensar, de forma imediata frase por frase, palavra por palavra e em um plano a longo prazo utiliza-se do conhecimento para compreender as estratégias que possibilitam o entendimento do que foi lido, percebendo como ocorre a construção de imagens, sintetizam ideais ou produzem inferências para organizar os dados e dentro dessas estratégias delimitam: conexões, inferências, visualização, questionamento, síntese e sumarização. A partir das considerações sobre os processos que ocorrem pré-leitura, durante a leitura e depois da leitura Girotto e Souza (2010) discutem como essas estratégias possibilitam a formação de leitores proficientes que se utilizam de associação de ideias para reconhecer a ideia principal da narrativa, atribuir sentido ao que é fundamental e construir e rever as informações levantadas na fase da pré-leitura.

As estratégias de leitura são modelos de compreensão que são utilizados para promover o procedimento de organização das informações, e alcançar a captação mais eficaz do que se lê. No entanto, não devem ser entendidas como um fim em si mesmo, na verdade, trata-se de meios de produção de compreensão leitora. Nesse sentido, estipula-se que os leitores são leitores estratégicos quando buscam conexões entre o conhecimento que já detém e o conhecimento novo; fazem perguntas ao texto; estabelecem inferências a todo o momento; visualizam e constroem imagens; distinguem idéias importantes e produzem sínteses e, por fim, faz o monitoramento adequado do entendimento produzido ao longo da leitura. (Girotto e Souza, 2010)

Para a produção de leitura do livro estudado selecionamos a estratégia de inferência, que significa o processo que requer uma conclusão ou interpretação do que não está explícito no texto. Uma vez que entendemos, que o dito está sugerido ou enunciado, mas, não se encontra expressamente em palavras, é necessário construir a informação final a partir do entrecruzamento de duas ou mais informações que estão no texto. Segundo Girotto e Souza, (2010) o processo de construção de inferências pode ocorrer em conjunto com o acionamento do conhecimento prévio no começo da leitura e também durante a leitura, sustentando-se em características encontradas no

texto para elaboração de previsões apuradas e significativas. Assim os leitores inferem quando utilizam informações que já sabem, a partir dos seus conhecimentos prévios e produzem relações entre o que encontra no texto e esse conhecimento na conclusão, tentando predizer do que trata o texto e construindo expectativas sobre as informações encontradas ao longo da leitura. A possibilidade de estabelecer essas relações são garantidas pelo nível e volume de conhecimento prévio que os leitores acionam, dessa forma, quanto mais informações adquiridas, mais possibilidades tem o leitor de fazer o levantamento mais adequado de leitura e mobilizar uma feita de inferência mais coerente com a ação narrativa que dispõe a história.

Sobre *Lá e aqui*: inferência e elementos visuais

Como vimos, no livro ilustrado a ilustração funciona como o elemento plástico e narrativo que conta a história e o seu funcionamento garante o entendimento do enredo, sem dependência do texto escrito. A ampliação dos significados também se atualiza pela experiência do leitor infantil, as sensações são vivenciadas pelas linguagens plásticas constituintes do livro. Tomando por base, essa delimitação, e considerando como narrativa exemplar analisaremos o livro *Lá e aqui* de Carolina Moreyra e Odilon Moraes de 2015. Com apresentação em 56 páginas, de dimensões enxutas 16x16cm, capa dura, brochura, guardas em azul, paleta de cores em tons claros e pastéis, com nuances de volume sugeridos pela variação de tonalidades. Não há nota técnica sobre a gramatura do papel, nem sobre o tipo, mas a fonte sem serifa garante o recorte simples que se coaduna com as ilustrações em lápis de cor, toda a estética minimalista apresenta a proposta de índice e sugestão de temas e sentimentos. Nada é dito de forma óbvia, há sempre uma delicadeza em expor os acontecimentos, os espaços e as pessoas e bichos.

Entre imagens de páginas duplas, sem margens e sem fundo, a história se estabelece através de jogos metonímicos de apresentação dos elementos gráficos que compõem o ritmo narrativo. Podemos dizer que o espaço da página e o narrativo são usados de forma estratégica e o jogo de significados entre casa e moradores, lá e aqui, segmenta a narrativa entre os momentos do antes e do depois. Os recursos gráficos vão construindo um ritmo visual que determina a apresentação dos personagens e da ação, além de determinar o lugar e o espaço de cada um. O protagonista é uma criança que vivencia o processo de separação dos pais e vai expondo como acontece o afastamento a medida de sua perspectiva de filho.

Para fins desse artigo, retomaremos alguns aspectos do contraponto na perspectiva ou ponto de vista. Inicialmente em uma leitura ampliada o conceito de contraponto de perspectiva ou ponto de vista: “em narratologia, faz-se a distinção entre quem está falando (nos livros ilustrados expresso por palavras) e quem está vendo (expresso de modo metafórico, por palavras, ou de modo literal, por imagem)” (Nikolajeva e Scott, 2011). No livro de Moreyra e Moraes o contraponto na perspectiva se estabelece desde o início por se tratar no texto, ou seja, na palavra, de uma narrativa intimista, que estabelece uma aproximação entre o narrador/ ilustrador e o leitor.

Segundo a proposta das autoras há elementos plásticos que nos ajudam a seguir a combinação dessas linguagens, no caso da imagem temos: o tipo de composição, as formas geométricas e a linha guia de leitura visual, tipos de contorno, perspectiva, técnica utilizada, relação forma e fundo, gênero e origem de luz utilizados, esquema tonal utilizado, contraste de cores, figuração, gênero da imagem, linhas predominantes, tipos de sombra, sentimento que lhe desperta a ilustração. Desses elementos, respeitando a proposta do projeto gráfico para a obra de Moreyra e Moraes, destacamos: perspectiva, gênero e origem de luz, tipos de sombra, linha guia de leitura, e sentimento despertado pelas imagens como resultado da leitura empreendida.

Faremos uma proposta de leitura permeada pelo uso das estratégias de construção de sentido centradas nas inferências, verificaremos quais elementos plásticos estão dispostos no projeto gráfico e na composição do diálogo entre texto e imagem. Para tanto seguimos as sugestões de Girotto e Souza (2012) baseadas nos objetivos do uso dessa estratégia como: a) inferir o significado de palavras; b) inferir pela capa e ilustrações assim como pelo texto e c) inferir os temas da narrativa. Destacamos dessas possibilidades a inferência pela capa e ilustrações do texto com o objetivo de utilizar os aspectos do livro como um todo para descobrir significados. Vejamos um quadro recapitulativo para trabalhar a inferência:

Quadro 3 – QUADRO RECAPITULATIVO

CITAÇÃO OU GRAVURA DO TEXTO	INFERÊNCIA
Observar a disposição das casas na capa (cada uma em um ponto da folha) e o texto	Há uma separação, um distanciamento Lá e aqui podem mudar de lugar constantemente
A casa se afogou (texto e imagem)	Aconteceu algo trágico A casa também sofreu
Os peixinhos foram morar nos olhos úmidos de minha mãe	Os olhos úmidos são índice de choro constante da mãe. Os peixinhos já eram moradores da casa

Fonte elaborado pela autora, 2017.

Costumeiramente, temos em todas as páginas uma perspectiva estática, não há modulação da visão do leitor, sempre de frente aos acontecimentos, de fora para dentro da casa e da esquerda para a direita. Com relação ao uso da luz e tipos de sombra, há uma variação que condiz com o

andamento da narrativa. Na primeira imagem o olhar é conduzido para os cantos e lados do alto e de baixo da página e reforça a proposta de distanciamento dos espaços, além de criar a possibilidade de permutação pela alocação das palavras lá e aqui, aqui e lá.

A distribuição da luz traça a mudança dos espaços. Na segunda imagem a chuva, encharca e afoga a casa e divide a folha em duas, mas em uma linha horizontal, mais uma vez conduzindo a inferência de que algo vai acontecer para dividir os espaços. Na última imagem é predominante a linguagem dos tons mais escuros a perspectiva é de aproximação dramática dos olhos da mãe, a sequência de páginas de fundo branco é quebrada com um *zoom* no rosto da personagem, aproximação e menos luz que a panorâmica, e, por fim, a pequena luz dentro dos olhos em meio aos peixinhos vermelhos.

4. Sobre resultados

Os resultados da leitura mostram que os elementos gráficos dispostos no livro ilustrado constroem significados abertos a investigação do leitor, no entanto, só podem ser relacionados na medida em que sejam considerados em conjunto e percebidos como fundamento da narrativa e não apenas como referências do texto fonte. É com base nesse entendimento que defendemos a necessidade de ler as imagens, no caso específico do livro ilustrado recurso para construção de sentido, como elemento primordial e não como acessório na concretização da leitura do livro de literatura infantil. Pois, a imagem não é um todo simples e direto, guarda muitas especificidades e necessita tanto da articulação coerente das imagens como de elementos coesivos para suportar a finalidade de transmitir e comunicar dado enredo ou ideia metaforizada.

Nos casos analisados a ilustração estabelece relações com o texto escrito. Nos casos mais férteis de sentidos há uma relação de coerência intersemiótica, segundo Camargo, “pelo fato de articular dois sistemas semióticos: as linguagens verbal e visual”. E segundo Nikolajeva e Scott (2011) temos relações de assimetria, pois os sentidos produzidos são mais complementares e assimétricos, assim, a ilustração repete a informação do texto escrito com acréscimos. Não há como a ilustração corresponder a todos os detalhes anunciados no texto, nem que haja uma tradução visual, uma vez que cada elemento guarda suas devidas características. O que se faz necessário é atentar para o fato de que a ilustração é um elemento do livro infantil carregada de sentidos. A relação entre imagem/ilustração e texto não precisa ser repetitiva e explicativa, mas necessita

estabelecer um diálogo no qual seja possível a exploração dos recursos disponível ao leitor, para incentivá-la na construção dos vários sentidos possíveis nessas duas linguagens.

5. Referências

AMARILHA, Marly. *Estão mortas as fadas*. Petrópolis: Vozes/ Natal: EDURFRN, 1997.

CADERMATORI, L. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 2006

CAMARGO, Luis. *A ilustração do livro infantil*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1997.

_____, A relação entre imagem e texto na ilustração de poesia infantil. In: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/ensaios/mosquistoport.1.htm>. Acesso em: 22 de Novembro de 2016.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1993.

FARIA, Maria Alice. *Como usar a literatura infantil na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

GIROTTI, Cyntia Graziela G. Simões e SOUZA, Renata Junqueira. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: SOUZA, Renata Junqueira et al. *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas/São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1991.

LINDEN, Sophie Van der. *Para ler o livro ilustrado*. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NIKOLAJEVA, Maria. SCOTT, Carole. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

OLIVEIRA, Rui de. *Nos jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

RAMOS, Flávia B. e PANOZZO, Neiva S.P. Entre a ilustração e a palavra: buscando pontos de ancoragem. *Espéculo. Revista de estudios literarios*. Universidad Complutense de Madrid, 2004. In: http://www.ucm.es/info/especulo/numero26/ima_infa.html. Acesso em 23 de novembro de 2016.

TAVARES, Márcia. Brincar com palavras e imagens In: PINHEIRO, Hélder. (org) *Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.